

turais e as políticas restritivas dos Estados limitam a sua difusão. Neste último aspecto, os limites colocados pelos Estados, quer à entrada, quer à concessão de direitos de cidadania, não podem desligar-se dos valores predominantes das nações. Portugal tem larga experiência prática nestes terrenos, mas fraca experiência política acumulada em relação à imigração. Não é este o momento de discutir se o «universalismo» português será, ou não, a marca da actuação futura. Mas o facto de não serem muitos os países — e as publicações — que combinem na mesma análise estudos sobre imigração e emigração talvez seja o sinal da nossa diferença.

JOÃO PEIXOTO

*Ricardo Vieira, Histórias de Vida e Identidades — Professores e Interculturalidade*, Porto, Edições Afrontamento, col. «Biblioteca das Ciências do Homem», 1999, 397 páginas.

Esta obra é a edição em livro de uma tese de doutoramento em Antropologia Social. O texto apresenta-se escrito na primeira pessoa do singular, opção deliberada do autor. É um trabalho inovador no campo da antropologia por transformar um domínio aparentemente sociológico,

três escolas do ensino básico do distrito de Leiria, em terreno de pesquisa antropológica.

No espaço da escola e das salas de aula analisam-se as interacções entre professores e alunos, identificando os alunos e cada professor como actores situados, portadores de percursos concretos. O professor, nesta obra, é um actor identificado através do seu percurso biográfico. Com essa estratégia metodológica, acompanhada de uma observação das actividades nas escolas que se prolongou por quatro anos, Ricardo Vieira pretende olhar a dinâmica escolar, em particular a abertura dos professores aos projectos de mudança pedagógica propostos pela legislação. Esta análise é feita ao nível do ensino básico, nas três escolas estudadas, tendo em conta a transição entre o 1.º ciclo e o 2.º e o 3.º ciclos, onde o sistema educativo deixa de estar marcado pela monodocência. A abordagem proposta analisa a escola como um meio social e culturalmente organizado, onde a participação do professor depende do seu próprio processo de socialização, e todos os actores intervenientes (alunos, professores, pais e comunidade) produzem a própria dinâmica escolar, que, por esse facto, não está isolada, mas antes integrada num sistema interactivo mais amplo. Através das histórias de vida dos professores, o autor pretende identificar «o processo de aprendizagem da sensibilidade, dos valores e dessa técnica de conseguir entrar no mundo do outro, quer seja o aluno, o pai, a mãe

ou outros, para assim conseguir agir significativamente para eles e ser um agente intercultural» (p. 25).

A obra divide-se em três partes, que abordam, respectivamente, a problemática e a reflexão teórica, a caracterização dos campos/terrenos de estudo (as escolas) e as histórias de vida dos professores. O autor apresenta no fim do livro uma proposta de modelo alternativo de formação de professores, no seu entender, promotor de uma maior igualdade e democracia dentro da escola.

Há em toda esta obra uma enorme densidade na escrita e nos resultados. Por ser um trabalho académico, o livro torna-se denso e nem sempre de fácil leitura. Apesar de baseado em histórias de vida, esta obra não conta uma história. O autor nem sempre se distancia o suficiente dos dados para nos propor uma leitura simples e continuada. A caracterização minuciosa das escolas e das histórias dos professores preenche dois terços da obra, o que reflecte o carácter eminentemente etnográfico da pesquisa. Recolhe-se muita informação, mas nem sempre se sistematiza o suficiente para que se crie um fio condutor na leitura. Porventura essa dificuldade decorre do facto de o autor pretender, ao nível *microsociológico*, em terreno aparentemente homogéneo, identificar as diferenças culturais que lhe permitem configurar o que entende ser a *interculturalidade* nas interacções professor/aluno. De alguma forma, a pesquisa «reduz» a influência cultural ao impacto de um

indivíduo concreto, um professor, e transforma a sua biografia de vida numa experiência cultural única, capaz de envolvimento ou, pelo contrário, de resistência no processo de mudança do sistema educativo. O autor propõe que se pense em professores *interculturais* capazes de contribuir para construir crianças *interculturais*. Ao introduzir a *interculturalidade* nesta dinâmica escolar, Ricardo Vieira pretende alertar para uma docência que ponha em prática uma pedagogia da *divergência*, e não apenas da *convergência*. Uma pedagogia que tenha em conta a diversidade cultural dos alunos, baseada numa consciência da *multiculturalidade*.

Esta é uma proposta ousada, que se afigura importante numa sociedade cada vez mais aberta à entrada de indivíduos oriundos de diversas regiões e/ou países. No entanto, é certo que, nesta análise, o autor identifica o contexto de socialização de cada aluno como um microcosmo cultural, cuja distância do colega implica «pontes», «estratégias diferentes». A escola seria nesse sentido um lugar de reconhecimento das diferenças numa aprendizagem da igualdade. A questão que se levanta nesta obra é a de saber se o quadro teórico e as conclusões importantes propostas pelo autor estão retratadas de forma clara no campo de estudo seleccionado, onde as diferenças culturais dentro da sala de aula são levadas à dimensão mínima, o próprio indivíduo. Aparentemente, e olhando a caracterização sociológica dos alunos de cada

uma das escolas estudadas, não ressaltam grandes dicotomias culturais. É certo que se trata de pessoas com histórias próprias mas que partilham um mesmo território de pertença, cujas famílias integram classes sociais não muito diversificadas.

Em suma, este trabalho é inovador ao introduzir a problemática da diversidade cultural em terreno escolar. Irá decerto poder proporcionar novas pesquisas noutros meios, porventura mais marcados do que o utilizado pelo autor pela *multiculturalidade*. Trata-se de uma aplicação da antropologia num terreno sociológico; daí ser um estudo de fronteira, deliberadamente etnográfico no modo de observar, mas que envolve, em alguns aspectos, outras ciências, que não apenas a antropologia. Não querendo ser um trabalho psicológico, o autor propõe uma «terapia» aos docentes no sentido da sua formação multicultural: uma *auto-análise biográfica*, ou seja, uma reflexão sobre a própria autobiografia; uma *etno-análise biográfica*, onde o sujeito reflecte nas suas semelhanças conjunturais e processuais com outros, e uma *antropo-análise*, que visa um alargamento mais ecuménico da visão de ser e estar como ser cultural e profissional. Esta é a proposta de formação que, no entender do autor, colmataria uma lacuna de formação dos professores com vista à criação de uma maior disponibilidade para lidar com a mudança e com a diferença cultural dentro da sala de aula.

PIEADADE LALANDA

*Miguel Vale de Almeida, Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política da Identidade*, Oeiras, Celta Editora, 2000, 255 + xii páginas.

*Um Mar da Cor da Terra* é um livro sobre a mobilização das ideias de «raça» e «cultura» em processos de construção de identidades colectivas. Cinco dos seis capítulos do livro tratam de processos desta natureza em três contextos nacionais. No primeiro capítulo Miguel Vale de Almeida descobre a etnicidade portuguesa — ou antes, *potogee* — na ilha caribenha de Trinidad e persegue-lhe a história. No segundo o autor introduz-se nos meandros do movimento afro-cultural emergente na cidade baiana de Ilhéus. Nos três capítulos seguintes a acção desenrola-se centralmente em Portugal. No terceiro é analisado o lugar do lusotropicalismo em discursos sobre identidade nacional, bem como os antecedentes e as ramificações daquela teoria. No quarto passam-se em revista diferentes avaliações da miscigenação presentes em reflexões sobre a identidade portuguesa produzidas ao longo do século xx. O quinto capítulo desenvolve um argumento acerca da função catártica que teve na sociedade portuguesa pós-colonial a vaga nacional de apoio à causa timorense formada em 1999, na sequência do referendo de Agosto e da repressão indonésia que se lhe seguiu. O último capítulo do livro contém uma resenha e uma avaliação do «pós-colonialismo» enquanto área